

“Maior erro do governo é querer uma reforma com essa extensão”

» Entrevista | RONALDO CAIADO | GOVERNADOR DE GOIÁS

Com carreira no Congresso e reeleito em 2022, chefe do executivo goiano vê graves equívocos na reforma tributária em curso no Legislativo. E afirma que Lula e PT precisam dialogar mais com os Poderes, ao invés de insistir no enfrentamento

“Nunca vi um IVA tirar prerrogativas”

» DENISE ROTHENBURG / » ANA MARIA CAMPOS / » CARLOS ALEXANDRE DE SOUZA / » VINICIUS DORIA

Nome forte da oposição ao governo Lula, o governador Ronaldo Caiado (União Brasil), é duro nas críticas à política conduzida pelo ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Sem meias palavras, Caiado considera a

reforma tributária um “desastre”, com enorme prejuízo aos estados. O pecado mortal da proposta em análise na Câmara dos Deputados é reduzir a autonomia dos governadores para lançar benefícios fiscais. Caiado cita, para efeito de comparação,

o sistema tributário norte-americano, onde cada estado aplica alíquotas específicas, em um modelo com imposto sobre Valor Agregado (IVA). O governador também reclama muito dos desgastes com a Fazenda a respeito do Regime de Recuperação

Fiscal. Afirma ser alvo de um “tiro político”, para não dizer retaliação. Caiado também faz ressaltos ao chefe do Planalto, que deveria dialogar mais com os outros Poderes e não cair na tentação de que pode tudo. Por fim, vê com boa perspectiva as

eleições de 2024. Será o primeiro teste para a União Brasil com uma executiva reformulada e um pré-lúdio para 2026, com um possível candidato próprio para a Presidência. “Eu entendo que o terceiro maior partido do país, se não tiver pretendendo

disputar uma eleição, não é um partido. Como é que um partido do tamanho da União Brasil não vai se preparar para as convenções em 2026?”, questiona Caiado. Leia, a seguir, os principais trechos da entrevista concedida ao CB.Poder.

O que muda no União Brasil com a saída de Luciano Bivar e a entrada de Antônio Rueda? O partido terá uma candidatura própria para enfrentar o grupo do presidente Lula?

A acredito muito que o partido, a partir da nova executiva, terá um novo aspecto. Será repaginado dentro da pauta de debater política, decisões, metas. É o nosso grande desafio em 2024. Quantas prefeituras vão fazer, quais prefeituras nós priorizaremos. Tudo isso entra no tabuleiro político. A partir daí e depois de 2024, é desenhado o cenário de 2026.

O União Brasil continua sendo um partido independente em relação ao governo Lula, mesmo com três ministérios?

Isso é o partido hoje. Com a nova executiva, nós vamos ter que tomar uma posição. Não caberá apenas a mim, Ronaldo Caiado. Caberá à maioria da executiva debatendo, e definindo qual é o rumo que nós vamos

O seu nome é muito cotado para uma candidatura própria.

Eu entendo que o terceiro maior partido do país, se não tiver pretendendo disputar uma eleição, não é um partido. Como é que um partido do tamanho da União Brasil não vai se preparar para as convenções em 2026? Quando você coloca que o meu nome é citado, eu não só fico honrado, como também jamais omiti em dizer que vou trabalhar para ter a confiança do partido, construindo alianças partidárias, e possa disputar uma eleição. Tem vários colegas também podem se colocar. Isso é uma decisão também da convenção nacional do partido.

O ex-presidente Jair Bolsonaro está ineligiível. Isso abre possibilidades de outros nomes surgirem no campo da direita. Acredita numa união desse campo?

Num primeiro momento, você não consegue aglutinar todas as forças da direita numa única candidatura, até porque esse universo é muito compartilhado também por outros partidos. Você tem um PL, União Brasil, o PP. Eu não sei como eles vão se comportar nesse processo. São partidos de grande porte. Tem o Republicanos, o MDB, que historicamente sempre também tem posições muito claras nas eleições nacionais. É possível uma aliança entre dois, três partidos? Se for, ótimo. Você se fortalece muito. Se você tem uma pulverização grande, é um desafio para o segundo turno, que é muito curto. São apenas duas semanas. Então você tem um espaço pequeno para poder construir essa harmonia. Isso tudo vai depender muito da disposição de outros. Aquele que for melhor avaliado, que tiver menor rejeição,

Fotos: Ed Alves/CPA Press



Sou um governador de estado, e a Constituição me dá prerrogativas. Os entes federados são incluídos na Constituição como cláusula pétrea. O ponto fundamental da reforma tributária é a revogação das prerrogativas dos governadores”

maior capacidade de crescimento. Eu costumo dizer que uma hora na política é uma eternidade, e tudo acontece no último dia da convenção.

Bolsonaro era um aliado, mas a gente não vê mais tanta proximidade. Aconteceu algo?

Não. Veja bem, sou uma pessoa muito tranquila nas minhas coisas. É muito fácil saber minhas convicções. Sempre apoiei Bolsonaro, desde a primeira campanha dele, como também na segunda campanha, apesar de não ter tido o apoio dele para governador de Goiás. Mas sempre tive muita independência dessas coisas.

Nas eleições do ano que vem, o PT e o PL vão apostar na polarização para tirar espaço do PSD, do MDB e do União Brasil nas prefeituras. Qual vai ser a estratégia do seu partido para evitar isso?

Veja bem. Eu não governo dessa maneira, tentando concentrar um grande número de prefeituras. Eu fui reeleito no primeiro turno em Goiás, onde eu não tinha o Patriota, o Republicano e o PL. O resto estava aliado comigo. Se algum partido acha que vai ficar forte desidratando outro não é um caminho inteligente. Você precisa é manter a sua

estrutura, mas de ter chance de ter alianças para a eleição majoritária. Os seis maiores partidos se acrescentam no tempo de rádio e televisão. Então você não pode trabalhar criando animosidade com os outros partidos. Se o candidato do União Brasil, do Solidariedade, do PT ou se o candidato do PSD ou do MDB está em alguma posição de destaque, eu sei compartilhar tranquilamente essa distribuição. Eu nunca entrei nessa tese porque eu nunca deu certo.

Mas o PT age assim, não?

É um erro primário o cidadão achar que, sendo governador, governa sozinho. Em segundo lugar, achar que o partido dele é único. São dois erros mortais. Eu governo com todos os Poderes. Outra coisa importante: não dividir governo. Eu divido obras, não divido governo. Meu secretariado, eu trouxe do Paraná, de São Paulo, do Rio de Janeiro, de Santa Catarina, do Espírito Santo, de todo lado. Secretário é técnica, para cumprir ordem. Funcionou? Funcionou. Não funcionou? Até logo, obrigado, vamos para outro. Se você tem um secretário do seu partido, ele vai querer criar uma gestão paralela. E, no final, o partido só vai ficar com você se você tiver bem na pesquisa. Então você estrutura bem o seu

governo, dá apoio a todos esses políticos dos partidos, para eles elegerem as respectivas bancadas. E você governa com seu secretário técnico. Secretariado meu tem que dar aula para mim em cada matéria. Se não for bom, mando embora. Até logo, obrigado.

Qual sua expectativa para as eleições de 2024?

Vocês sabem que Goiás é um estado conservador. Mas não estou desmerecendo a candidatura do PT em Goiânia (Adriana Accorsi), até porque ela não se identifica muito com o partido. É uma delegada, uma pessoa que tem capilaridade. Agora, eu fui o único governador que ganhou eleição na capital e no primeiro turno. Então vou lutar muito para nós termos um candidato vencedor. Não apenas na capital, mas em Anápolis, Aparecida de Goiânia, etc.

É preciso levar em conta que existem interesses suprapartidários, que interessam a todo o estado. Como a reforma tributária, por exemplo.

São situações administrativas, que não podem ficar sobrepostas pela função política. Veja a reforma tributária: a questão não é ser contra o governo. Até porque essa reforma não é do governo,

é do Bernardo Appy (secretário extraordinário da reforma tributária no Ministério da Fazenda). Isso é um desastre.

Como vê a reforma tributária?

Não quero discutir a reforma tributária no acessório. Quero discutir a reforma tributária principal. Sou um governador de estado, e a Constituição me dá prerrogativas. Os entes federados são incluídos na Constituição como cláusula pétrea. O ponto fundamental da reforma tributária é a revogação das prerrogativas dos governadores. Nunca vi um IVA tirar as prerrogativas do governante. Você tem IVA nos Estados Unidos. Por que não copia IVA americano? Lá nós temos uma distribuição Federativa semelhante ao Brasil.

A reforma é prejudicial para o Centro-Oeste?

A proposta de Bernardo Appy está revogando Juscelino Kubitschek. Está acabando com o desenvolvimento do Centro-Oeste do Norte e do Nordeste brasileiro. A reforma tributária vai ser um inferno na vida do cidadão.

Mas o Bernardo Appy é do governo.

Mas não é de todo o governo. Ele faz daquele grupo empresarial que quer aprovar essa

reforma a todo tempo. Você, Denise, que é provocativa no Congresso, pergunte a esses liberais onde está a liberdade econômica com os 33% de IVA do Amapá ao Rio Grande do Sul. Nos Estados Unidos, o estado de Nova York é o IVA é tanto, o IR é outro, IR de pessoa jurídica é outro. No Tennessee, no Texas, é outro. Cada estado tem sua alíquota. Ninguém chama de guerra fiscal. Lá eles chamam de competição entre os impostos. Quem vai ganhar com essa reforma no Brasil? O exportador. Ela foi feita para isso.

Mas quando as pessoas vão se dar conta de que a reforma é ruim?

Isso vai pegar quando as pessoas se derem conta de que é imposto do governo Lula. Ninguém tira isso dele. Isso é algo mortal para ele.

A reforma tributária atrapalha o PT em 2026?

Nossa Senhora! Aos poucos, a reforma virá. O pessoal vai começar a entender. Antigamente, ninguém entendia. Outros não queriam entender. Se você fizer uma arguição no Congresso, você ia ver que ninguém sabe nada. Teve até voto remoto. Voto remoto para uma emenda constitucional que mexe com a vida de 200



tantos milhões de pessoas. Essas coisas não dão certo. Você não pode mudar a vida das pessoas de cabeça para baixo do dia para noite. Você tem que graduar as coisas. Simplificar o ICMS, vincular o PIS/COFINS em uma tributação, depois levar isso para os estados. E aí você desenharia uma simplificação do ICMS, que é um IVA estadual. Ah, mas ele tem 300 mil portarias. Quantas mil nós teremos agora? São 52 leis complementares para regulamentar a reforma tributária. Quantas regras, normativas e decretos nós teremos para regulamentar essa reforma?

O senhor fala que essa reforma que pode atrapalhar o PT em 2026, mas a maioria das regras vai valer em 2022. Então vão demorar até a população perceber.

Eu estava em um debate na sexta-feira. Os empresários já estavam 'É, realmente, aí como tem exceções demais, eu vou ter que ter que conviver com duas tributações. Uma atual, mais a outra que está entrando'. Se uma já é um manicomínio, uma outra vai virar o quê? Um inferno. Aí vocês vão viver para ver que a bondade. Vocês vão ter o ICMS, que é complexo, vocês vão ter também o começo do IVA. Em 2029, já começam algumas mudanças. Então você vai ter que, durante um período, explicar para um europeu que ele vai ter uma indústria no Brasil com uma legislação vigente que está em transição com outra que está sendo implantada. Não vai dar certo.

O governo está errando, então?

O maior erro político que o governo cometeu foi querer fazer uma reforma tributária com essa extensão. Se tivesse tido a humildade de fazer fatiada, não teria dado nisso.

É outro grande erro. Com o arcabouço, o governo arrumou uma

Quando você tem um país nesse alvoroço todo, você tem de chegar e sentar. É sábado e domingo, conversando com o Supremo, com o Tribunal de Contas, com todo mundo"

briga interna. Porque quem é candidato não quer o arcabouço. O Haddad foi induzido a um arcabouço que não tem apoio político.

Mas foi aprovado no Congresso.

E vai ser descumprido. O ideal seria deixar o teto. Você dizia ao governador: 'Olha, eu não posso fazer agora sua estrada por causa do teto' e você ia organizando as finanças dos estados. Mas o governo federal disse: vamos liberar os gastos. Quem pode imaginar no Brasil que você pode liberar os gastos? Onde? Não existe isso. Você vai explodir a inflação neste país. Isso é uma loucura. O maior erro que esse governo fez foi votar esse arcabouço fiscal.

E há outras medidas em vista.

Veja: a MP 1185 está penalizando as indústrias do Brasil que têm incentivo fiscal. Vim ao Congresso para tratar disso. Todos os estados vão tomar uma pancada. Depois, cria uma política trabalhista que depois que Michel Temer conseguiu fazer algo inédito — aí sim, tinha que ser aplaudido — vai voltar a essa história de sindicato autorizar para trabalhar sábado e domingo. Então, quando você vê um negócio desse, você fala assim:

aonde é que esse governo quer chegar com essas medidas sem um mínimo de modernidade, de conceito de gestão pública?

O governo está perdido?

O primeiro ano de um governo é muito difícil. Mas vou lhe dizer uma coisa. Eu fiz a minha primeira missão de estado no meu quinto ano de (segundo) mandato. Eu passei quatro anos, e o máximo que saía de Goiás era para Brasília e volta. Nunca saí um dia; nem sábado, nem domingo, nem Semana Santa. A primeira viagem que eu fiz foi em 2 de novembro, para a China, por 15 dias. Quando você tem um país nesse alvoroço todo, você tem de chegar e sentar. É sábado e domingo, conversando com o Supremo, com o Tribunal de Contas, na Câmara, no Senado, com todo mundo, conversando todo dia todo dia, com o governador. Não adianta você querer achar que você vai resolver esse assunto sozinho. Quando eu tive a vitória, não foi porque votou no PT. Até o Lula, em um momento de lucidez, disse que o PT precisa entender isso. As pessoas confundem os sinais.

São os mistérios da política.

É preciso ficar atento às coisas. Certa vez queriam saber por que um candidato tinha sido prefeito por quatro, cinco vezes. Perguntaram a um chefe do bairro. E ele disse: 'Eu voto nesse homem aí porque ele sabe coisas' (Risos). Na política, é assim: se você enfrentar tudo quanto é poder, você não dá conta de governar. Quando eu ganhei a eleição, eu tinha 10 deputados em 41. Eu tinha 14 prefeitos em 246. Cheguei ao final do meu governo com R\$ 9,2 bilhões em caixa. Como? Coisando as coisas. Conversando, mostrando. Eu fiz os poderes abrir mão de 25% do

duodécimo para ajudar o estado até eu poder zerar a folha. Isso é inédito no mundo.

O senhor foi senador. Qual vai ser o desfecho desse embate do Senado com o Supremo?

É preciso considerar que nenhuma decisão do Congresso é monocrática. Decisão monocrática é do presidente, do governador, do prefeito. Os demais poderes são colegiados. A Constituição criou Poderes com colegiados. Não criou essa função monocrática.

Como está sua relação com os ministros?

Minha relação é boa, a não ser o Haddad, que judia de mim. Haddad tem sido maldoso com Goiás. Veja: Goiás entrou no regime de recuperação fiscal. Em agosto, o Tesouro solta uma nota dizendo que o estado deve sair do regime de recuperação fiscal em 2023. Eu disse: 'Haddad, não tem sentido. Eu estou dentro da projeção de que Goiás sairá em 2027 ou 2028. É lógico que, da maneira como as coisas estão indo, acredito que Goiás saia até em 2026. Mas não tem sentido em tirar o estado do regime agora'. Ainda mais com essa história do ICMS, que tirou R\$ 5 bilhões por ano. Não tem sentido fazer isso.

E o que aconteceu?

Quando foi na semana passada, o Tesouro rebaixa Goiás para capacidade C de pagamento. Qual a explicação? Ah não, vocês querem ficar no regime de recuperação fiscal, então a capacidade de vocês é C. Ora, uma coisa é uma coisa, outra coisa é outra coisa. Eu estava no regime de recuperação fiscal e fui para B. Estou cumprindo todas as etapas do regime de recuperação fiscal. Modéstia à parte, dos quatro estados, eu estou na melhor posição, se você comparar com Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul e Minas Gerais. Agora me

Quero ver quem vai falar que produtor rural está queimando a Amazônia. Porque hoje a Amazônia está 100% na mão do narcotráfico. Os produtores rurais foram expulsos de Lá"

rebaixar só porque Goiás entrou no Supremo para ser preservado nas regras do regime de recuperação fiscal?

Essa decisão isso é uma retalição? Isso é uma retalição para Goiás?

Digamos que a palavra mais bonita para isso é um tiro político.

Qual a sua avaliação sobre a indicação de Flávio Dino para o STF?

Não estou dentro do Congresso Nacional. Mas tive convívio com ele na Câmara dos Deputados. Ele tem todas as qualificações para ser ministro do Supremo.

O Brasil participou da COP 28. Como senhor, que governo um estado que é potência agrícola, vê a discussão?

Infelizmente, o Brasil não soube pautar essa matéria. Não soube demonstrar a realidade que o país segue e como está a preservação dos biomas que nós temos e que temos capacidade de produzir com regras e tecnologias mais modernas, com umas das maiores produtividades do mundo. Mas infelizmente isso aí foi tomada muito mais por uma outra vertente, que tomou conta.

Em Lisboa, debati sobre problemas sociais, com várias pessoas na mesa. De repente, uma professora portuguesa começou a desancar o Brasil. Eu falei: 'Peraí. A senhora não conhece minha legislação. Quero saber qual é a quinta que a senhora vive que tem 20%, 50% de área preservada. Quais são as cabeceiras de rios que vocês preservaram? A França, a Alemanha têm escassez de água. E vocês não estão sabendo mais o que fazer'.

O Brasil respeita o meio ambiente?

Eles podem fazer crítica. Mas não podem satanizar a imagem do Brasil, porque nós estamos mostrando que temos de consciência de que precisamos preservar. Estava em um debate, outro dia, em São Paulo, e lancei o desafio: quero ver quem vai falar que produtor rural está queimando a Amazônia. Porque hoje a Amazônia está 100% na mão do narcotráfico. Os produtores rurais foram expulsos de lá. Quem comanda o garimpo, a exploração da madeira, são as facções. Não tem nada a ver com o produtor rural. Então a discussão do meio ambiente tem de ser vista dentro de parâmetros técnicos.

Há muita histeria, então?

Se tem erros, vamos corrigir. Mas não é nessa proporção estratosférica. Há certas coisas que as pessoas vão mais pelo chafé. É certo que há uma realidade que nos preocupa, como El Niño, que trouxe prejuízo para a safra de Goiás. Todos nós (no mundo) temos que ter uma parcela, e eles ficam na mordomia deles. Nós não podemos explorar petróleo na Foz do Amazonas — que nem é foz, porque fica a 500 km da costa. Mas os Estados Unidos podem explorar petróleo no Alasca, que é território de preservação ambiental.

Colaborou Henrique Fregonese

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Correio Braziliense - Brasília/DF

Seção: Política Pagina: 2 e 3